

Pastoral Juvenil e diálogo entre carismas

A fé no itinerário educativo – Escolas Católicas e EMRC

CRISTINA SÁ CARVALHO*

1. «Pelos seus frutos os conhecereis.»¹

Pode ser que a Igreja não viva um momento de emergência, mas certamente o mundo vive-o: basta passar os olhos pelos títulos dos meios de comunicação social e torna-se evidente que, mesmo nas sociedades maduramente democráticas e afluentes, a qualidade de vida das pessoas e, sobretudo, as condições de existência, educação e desenvolvimento das crianças e adolescentes, parecem longe daquele ideal que o conhecimento científico e a reflexão filosófica e política desejaram. Um pouco por toda a parte, e apesar das muitas maravilhas do mundo moderno, as consciências sentem-se incomodadas pela diferença entre aquilo que deve ser e aquilo que realmente é. Estamos, pelo menos, numa Igreja em estado de missão permanente.

A época de transição que vivemos, hoje, faz-nos adivinhar um mundo, e uma promessa de existência, muito diversos daqueles a que estávamos habituados e daqueles que esperávamos, ainda, conseguir. Essa realidade é tanto mais crua e mais complexa quando se pensa no futuro dos jovens, afinal tão incerto e tão afastado da educação que, ainda há poucos meses, desejávamos dar-lhes.

* Faculdade de Teologia – Lisboa (UCP).

¹ Mt 7, 20.

Na complexidade do mundo global e de uma realidade histórica que não é menos religiosa do que a das gerações anteriores mas que o é, certamente, de um modo muito diferente, é um dever dos cristãos reflectir sobre o seu papel neste mesmo mundo em mudança e sobre as suas responsabilidades quanto à criação de um futuro comum. Ao cristianismo nada é estranho, muito menos a humanização dos seres humanos. E, certamente, a educação joga aqui um papel fundamental, e um papel que, hoje, temos particular dificuldade em definir, já que perdemos de vista, no emaranhado e complexo cenário global, da multiplicação das variáveis em jogo, a sociedade que desejamos ser. Mas para um cristão, o que se lhe impõe não é novo. Trata-se sempre do caminho proposto pelo Senhor e de agir, na realidade, como um testemunho e uma antecipação do Reino de Deus, entre homens e mulheres que, facilmente, se deixam aniquilar pela desesperança, a confusão, a dureza da sociedade moderna. É, pois, um momento muito adequado para reflectir sobre o trabalho da Igreja entre os jovens e com estes e de, nesse contexto, redescobrir o potencial da Escola Católica e do Ensino Religioso Escolar.

A questão crucial não é, certamente, a falta de oferta de actividades e propostas interessantes e estimulantes que se fazem na pastoral dos jovens. Mas, muitas vezes, não se planifica ou não se atinge um verdadeiro amadurecimento educativo dos próprios jovens, tornando essas propostas contraproducentes face ao seu futuro. Trata-se os adolescentes como alguém que «está fora», «que ainda não conta», que «não é capaz», que «só sabe brincar» ou que «coitado, necessita tempo para continuar a entreter-se», condenando-os a esperar, eternamente, pelas reais conjunturas e problemas da vida. De um modo geral isso significa, apenas, que se teme os jovens, como se teme e se evita tudo o que é estranho, diferente e não compreensível. No entanto, o seu amadurecimento humano e cristão reclama que se sintam acolhidos, relevantes, tratados com seriedade.²

Ora, ao cristão, ao educador cristão, tanto nas Escolas da Rede Estatal como na Escola Católica, o que lhe é pedido é que ultrapasse, precisamente, esse desejo de entretenimento, um exercício da imaginação *tout court* e se torne, com o Criador, um criador: é-lhe pedido que se revele pelos seus actos, pela condição coerente da sua vida, que eduque pela qualidade do seu testemunho maduro e convertido ao projecto de Jesus Cristo, embora sempre capaz de se adaptar, de «descer» àqueles que o escutam, tal como o faz o próprio Jesus. É-lhe pedido que viva a sua fé como uma pérola preciosa pela qual seria capaz de trocar todos os outros bens³, mesmo o conforto, a segurança, a rotina. Quando se é professor, isso significa, ainda, uma atenção cuidada e séria à qualidade

² A este respeito recomendamos a leitura de ALBERICH, E. (2011), *A família, lugar de educação na fé?*, Lisboa, SNEC.

³ Mt 13, 44-45.

científica e metodológica do seu ensino, vocacionado para o maior bem da pessoa, fim em si mesma.

2. «Não é possível e educação sem a luz da verdade.»⁴

A Escola Católica é uma escola que, para além das metas gerais de qualquer escola – sendo instruir, ensinar, educar, proporcionar um certo desenvolvimento vocacional e contribuir para a integração e participação dos alunos na sociedade, algumas das suas metas mais relevantes – se integra numa missão da Igreja, logo, é portadora da sua mensagem de salvação. É seu objectivo, pois, a mais ampla formação humana, no reconhecimento profundo da dignidade da pessoa, criada por Deus à sua imagem e semelhança, o que exige, ainda, e essencialmente, uma formação cristã, objectivo que se funde com o primeiro.

Como o cristianismo é uma proposta cultural de civilização, uma vez que veicula um sentido da vida e uma interpretação da realidade, isto é, uma antropologia e uma mundividência específicas⁵, estas devem constituir os alicerces do Projecto Educativo da Escola Católica.

Desta perspectiva deriva, como uma consequência natural, que a Escola Católica se afirma e de identifica pela qualidade e grau da sua inserção na missão da Igreja e pelo reconhecimento que, assim, poderá encontrar junto das demais comunidades cristãs. De facto, para educar aquilo que faz falta à pessoa e à sociedade que esta habita e influencia, ou seja, a liberdade, a responsabilidade e a generosidade, descobertos e vividos numa óptica de aperfeiçoamento e bem comum, a um cristão parece imprescindível o auxílio de Deus e a relação uma com Cristo.

Assim, a identidade católica da escola há-de ser mais importante e mais decisiva nas diversas decisões a tomar, e planos a traçar, do que os demais factores constitutivos de um projecto e de uma gestão escolar. Mesmo a muito relevante qualidade de ensino não deve sobrepor-se, de facto, não pode sobrepor-se, ao projecto católico da escola, mas derivar deste como uma consequência directa da qualidade e intensidade do compromisso formativo que a escola oferece, onde o trabalho, a disciplina, a cooperação, a relação humana, a exigência, a compreensão, a diferenciação educativa, se enquadram, explicam e formam através da prática constante e consistente de um ideário cristão: caridade, compaixão, justiça, simplicidade, integridade, cuidado, hospitalidade.

⁴ Bento XVI, *Mensagem para a celebração do XLV Dia Mundial da Paz*, 1 de Janeiro de 2012, em 8 de Dezembro de 2011.

⁵ D. José da Cruz POLICARPO (2007), «A Escola Católica ao Serviço da Missão da Igreja», in *Fórum da Escola Católica* (Risco de Educar), SNEC, Lisboa, p.120.

Para isso, a Escola Católica necessita ver-se e viver-se como uma verdadeira comunidade educativa cristã, que desenvolve e respeita em cada pessoa a sua vocação integral e, portanto, oferece uma educação igualmente integral. Sob esse ponto de vista, torna-se evidente que a Escola Católica necessita sublinhar e trabalhar essa integralidade a partir de uma Comunidade Educativa que integre os educandos e todos os potenciais educadores: professores e formadores; famílias; comunidade humana. Naturalmente, os seus objectivos e métodos de gestão encontrarão o seu modelo no Evangelho e, mais directamente, na forma como este é proposto pela Doutrina Social da Igreja, condição organizacional de eficácia verdadeira.

Tal como a Congregação para a Educação Católica aponta, um projecto de Escola Católica só convence e, acrescentaríamos, só se justifica, se for realizado por pessoas para ele motivadas, testemunhas de um encontro vivo com Cristo. Deste modo, a comunidade que é a Escola Católica, vai muito mais longe no seu compromisso educativo cristão do que perceber-se como uma entidade tutelada por uma instituição da Igreja, ou inspirada em valores cristãos ou habitada por simpatizantes do cristianismo, ou sustentada em profissionais muito competentes e famílias desejosas de uma boa preparação humana e intelectual. A Escola Católica encontra a sua razão de existir e a solução para os diversos desafios que enfrenta – sociais, políticos, científicos, educativos – na adesão pessoal e comunitária ao Senhor, fundamento e ponto de referência da relação entre educador e educando⁶. Realmente, e para descomplicar, na Escola Católica deve educar-se de forma tão próxima, quanto possível, da pedagogia que Cristo usou na transmissão da sua mensagem de amor a Deus, ao próximo e a si mesmo, e tanto quanto as limitações humanas o permitem.

Podemos, pois, centrar a identidade e missão da Escola Católica no *plus*, na novidade, na radicalidade que esta oferece ao mundo de hoje, sendo que este é, certamente, no nosso país, um mundo de universalidade do acesso à educação e de uma necessidade de a oferecer de forma fecunda, consistente e realmente democrática, isto é, não só para todos, mas de tal modo qualificada nessa oferta a todos que, efectivamente, permita um desenvolvimento global da pessoa e a justiça social que pode enriquecer o tecido cultural e económico do país através da sua verdadeira qualificação humana. Essa missão é o anúncio do Evangelho e a capacidade de provocar nos seus alunos a decisão de acreditar: como primeiro anúncio, kerigma e aperfeiçoamento catequético, conforme a situação de cada pessoa e família. Esta missão requer, necessária e substancialmente, o testemunho dos educadores e uma vida comunitária que

⁶ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Educar juntos na escola católica – missão partilhada de pessoas consagradas e fiéis leigos*. Documento para os Seminários e as Instituições de Estudo, 8 de Setembro de 2007, nn. 4ss.

tem uma qualidade eclesial. Define-se, pois, como um espaço educativo onde se professa, celebra, aprofunda e cresce na fé, como expressão quotidiana e estruturada de vida cristã.

Uma vida cristã supõe a que esta é animada pelo espírito evangélico de liberdade e de caridade, visando ordenar toda a cultura segundo a mensagem de salvação – iluminada pela fé – e que educa para conseguir o bem na cidade humana e para difusão do Reino de Deus, através de uma vida exemplar e apostólica, fermento salvador da comunidade humana. Necessariamente, este modelo de escola afasta-se, substancial e criticamente, de uma Escola Católica que, agindo como outra qualquer, se julga justificada pela oferta de uma panóplia de actividades formativas ou projectos de pastoral, por mais criativos, ajustados à cultura actual e sinceros que estes sejam. Uma Escola Católica evangeliza e, por isso, educa continuamente, em comunidade. Trabalha para a descoberta e o desenvolvimento da identidade pessoal cristã de cada pessoa, a compreensão e aceitação de si mesmo, o desenvolvimento integral, o amor à vida e à pessoa humana, o crescimento na fé, a vivência do evangelho.

A capacidade de viver o evangelho, na escola, supõe que há uma maneira crente, cristã, de fazer aquilo que é preciso fazer numa escola. A escola, como toda a criação humana, não é um bem em si mesma, tudo depende da forma como é encaminhada e que metas persegue, pelo que uma Escola Católica se mostra, precisamente, nas suas metas, já indicadas, e na forma como é organizada e gerida no seu dia-a-dia, na escolha de estilos, na estruturação e fundamento de actividades e nos responsáveis, não apenas no dia do fundador ou nas eucaristias de final de trimestre. À luz do evangelho, também supõe o exercício desafiador e, por vezes, penoso, do diálogo entre a razão e o coração, entre a reflexão e a estética, entre a moral e a acção, em ordem ao fim último da pessoa humana e ao maior bem da sociedade, preparando cada um para exercer a sua responsabilidade entre os outros homens e mulheres, iluminando o conhecimento, que vai sendo transmitido e adquirido, com a luz da fé.

Na prática – e as práticas são sempre importantes para monitorizar a vida das escolas – significa que há um modo cristão de lidar com os programas, de planificar, de leccionar, de orientar e exigir trabalho, de avaliar, de chamar a atenção, de consolar, de ter presente o bem estar, a saúde, a actividade física, as artes, as ciências, os estudos em humanidades, a comunicação, a autonomização da performance, o acolhimento e a valorização da diferença, o diálogo, a preparação das lideranças, a alimentação, a manutenção de espaços limpos e bonitos: é ter presente o critério da verdade. Não se trata, pois, de ensinar «programas católicos» nem, as mais das vezes, preparar materiais próprios, como manuais científicos, mas usar os programas nacionais e os materiais que estão disponíveis para todos, mas com um critério e uma leitura, analítica e crítica, cristã. E fazê-lo, não como uma comunicação propagandística, mas como uma experiência de vida em Deus que, por si só, na mais simples e modesta ocupação, como no

discurso mais carismático, diz da verdade daquela vida e d'Aquele que a inspira: «É no amor que tereis uns pelos outros, que todos reconhecerão que sois meus discípulos» (Jo 13,35). Há pois, uma necessidade urgente e intrínseca de que, na Escola Católica, se anuncie bem, e sem complexos, a mensagem da salvação, a vida para a eternidade e, depois, que esta seja constante e coerentemente vivida, na lógica do testemunho de que falávamos.

Conforme nos recorda o Papa Bento XVI, esta atitude «nasce da *experiência do povo eleito, que reconhece ter sido educado por Deus a olhar o mundo na sua verdade sem se deixar abater pelas tribulações*. [...] A educação é a aventura mais fascinante e difícil da vida. Educar – na sua etimologia latina *educere* – significa conduzir para fora de si mesmo ao encontro da realidade, rumo a uma plenitude que faz crescer a pessoa. Este processo alimenta-se do encontro de duas liberdades: a do adulto e a do jovem.»⁷ E, como sublinha o Papa, a pessoa humana traz no coração uma sede de infinito, uma sede de verdade, capaz de explicar o sentido da vida, «porque foi criado à imagem e semelhança de Deus. [...] Por isso, a primeira educação consiste em aprender a reconhecer no homem a imagem do Criador e, conseqüentemente, a ter um profundo respeito por cada ser humano e ajudar os outros a realizarem uma vida conforme a esta sublime dignidade. Diz respeito à totalidade da pessoa em todas as suas dimensões, incluindo a transcendente»⁸. Sem esta consciência e sem esta racionalidade, plenamente integradas nos seus projectos, salas de reunião, planos de aula, refeitórios e recreios, é difícil conceber a função da Escola Católica e, possivelmente, encarar um seu futuro⁹.

⁷ Ibid. Itálico nosso.

⁸ Ibid.

⁹ De facto, não validamos o argumento segundo o qual esta «postura» da Escola Católica implicaria uma menor consideração para com os docentes e outros profissionais da EC que não sejam católicos ou, sobretudo, que suponha um menor acolhimento e aceitação dos alunos e das famílias que não são crentes católicos. Não se trata de proselitismo, mas da verdade e da dignidade de uma identidade. Quanto aos seus profissionais, citamos Mons. Jean-Michel di Falco, à data Director do Instituto Superior de Pedagogia de Paris: «O cristão é “a priori” um ser comunitário. A Escola católica implica que todos os responsáveis, a saber, gestores, administradores, educadores, alunos, estejam possuídos pelo ideal de realizar uma comunidade ... [supõe] um consenso mínimo em partilhar os objectivos fundamentais [...] que tomem a peito o anúncio do Evangelho. Homens e mulheres capazes de acordar na criação de um ambiente onde, sem forçar nada, possa aparecer a decisão de abraçar a fé.» («A formação específica dos professores católicos», conferência não publicada apresentada no Colóquio Internacional «A Escola Católica numa sociedade pluralista», promovido pela Comissão Episcopal da Educação Cristã, 18 a 20 de Maio de 1979, e que mantém uma extraordinária actualidade. Sobre como consegui-lo vale a pena considerar o texto de E. VERACK «A formação religiosa e espiritual dos professores no ensino católico», publicado na revista *Pastoral Catequética*, Lisboa, SNEC, 2012, n.º 21 / 22).

3. «Eu sou o caminho, a verdade e a vida.»¹⁰

A função da escola, de qualquer escola, não consiste, apenas, na transmissão da ciência e da técnica. Tal como já se referiu, o bem da pessoa e das sociedades supõe uma educação integral de cada pessoa, portanto, incluindo a sua vocação para o transcendente, o que pede um serviço à Igreja: a transmissão do tesouro que é o património e a experiência de se ser cristão, feita de modo autêntico, favorecendo a assimilação sistemática e crítica do universo cultural, a partir da visão da pessoa e da sociedade que o cristianismo propõe. Este trabalho é realizado, embora em contextos e com pesos diversos, tanto nas Escolas Católicas como nas Escolas da Rede Estatal, pelas disciplinas de Ensino Religioso Escolar, que entre nós se designa, genericamente, como Educação Moral e Religiosa Católica. A formação e a informação, que esta ministra, potencia, desenvolve e completa a acção educadora da escola e, ao educar a dimensão religiosa da pessoa, orienta-a para a sua formação integral.

Trata-se de uma tarefa complexa e multifacetada que, através de modelos educativos diversos, deve procurar contribuir para a maturação da personalidade dos alunos, ajudando-os a situar-se lucidamente ante a tradição cultural, da qual fazem parte a mensagem e as instituições cristãs. Também deve procurar favorecer o julgamento crítico das realidades sociais, científicas e artísticas, ajudando os alunos a perceber e a apreciar melhor a vida e a construir uma adequada escala de valores. É igualmente relevante que contribua para desenvolver nos alunos um grau elevado de responsabilização perante o bem e a verdade, favorecendo uma descoberta profunda da liberdade, não apenas como exercício ou experiência da não coacção ou capacidade de escolha entre várias possibilidades bem avaliadas e medidas, mas como vocação humana para a transformação da vida, acolhimento do mundo, do outro e da verdade, espaço necessário para a descoberta de Jesus.

E, na medida em que o cristianismo se assumiu, desde o início da pregação de Jesus, como instância crítica da sociedade, a educação religiosa na escola terá de ser um convite, consistente, clarividente, fundamentado, razoável, à mudança; uma mudança proposta e aceite mediante os critérios evangélicos e a fé em Cristo, pelo menos por parte do docente. É relevante, pois, que os alunos possam ir descobrindo que a realidade que vivem, e os molda e interpela, pode ser melhor compreendida, mais profundamente decodificada e alterada segundo a promessa de felicidade e de dignidade para todos que é a mensagem cristã. Esta mensagem liberta e humaniza, através de uma visão cristã da pessoa, da história e do mundo e tem como

¹⁰ Jo 14, 6.

vocação a aprendizagem do diálogo com a diferença, pelo que não impõe mas convida e suscita, alicerçada, na escola e nesta disciplina, não num convite à conversão – como é próprio do despertar religioso e da catequese de iniciação cristã – mas num convite à humanização. No entanto, também não tem que temer ou enjeitar a possibilidade dessa conversão.

O Papa Paulo VI inspira profundamente a missão desta disciplina quando nos exorta a responder ao drama da ruptura entre Evangelho e Cultura¹¹ e sublinha a necessidade de regenerar a cultura – que se desumanizou, se transformou num veículo de indignidade e se tornou «de morte» – no encontro com a Boa Nova, que é sempre o encontro com a origem da pessoa humana, de onde esta vem e por quem foi criada. Assim, uma disciplina de Educação Religiosa Escolar promove o diálogo entre a tradição da fé e os outros saberes, ajudando os alunos a integrar a fé com o conhecimento científico.

Fá-lo, naturalmente, sem reduzir a fé a um modelo cultural, porque a fé não é uma ideologia, mas proporcionando um encontro com a Pessoa de Cristo: abre-se à cultura para tornar-se cultura no agir e no pensar humano de cada pessoa. Fá-lo, também, sem reduzir a fé a uma doutrina razoável, pois se a fé não é alheia à razão, é um saber razoável, também transcende a inteligência e o pensamento: «A razão busca o conhecimento, penetrando na realidade, dissecando-a com método lógico, procurando a sua compreensão clara, a que chamamos evidência. É no aperfeiçoamento dos métodos de análise racional da realidade que consiste o progresso e os avanços no conhecimento científico. Por este método, a razão humana não chega ao conhecimento de Deus, quando muito chega à inevitabilidade da sua existência. Mas Deus não se apresenta ao homem apenas como uma realidade desconhecida a investigar. Ele irrompe na vida das pessoas como um Outro, a querer dialogar com o homem e a querer estabelecer, com ele, uma relação de aliança e de amor, como fez Cristo a Saulo, na Estrada de Damasco (Act 9). E é quando Deus entra na nossa vida como uma pessoa e com uma proposta de relação, que se pode *iniciar ou rejeitar a fé como caminho de vida e de verdade.*»¹²

Finalmente, a disciplina de Educação Religiosa Escolar deve contribuir, e no seguimento do nosso argumento, para ajudar o aluno a posicionar-se face ao fenómeno religioso, proporcionando um conhecimento estruturado e

¹¹ Exortação Apostólica de Paulo VI, *Evangelii Nuntiandi*, de 8 de Dezembro de 1975, n.º 20: «A ruptura entre o Evangelho e a cultura é sem dúvida o drama da nossa época, como o foi também de outras épocas. Assim, importa envidar todos os esforços no sentido de uma generosa evangelização da cultura, ou mais exactamente das culturas. Estas devem ser regeneradas mediante o impacto da Boa Nova. Mas um tal encontro não virá a dar-se se a Boa Nova não for proclamada.»

¹² Catequese do Cardeal-Patriarca de Lisboa, D. José da Cruz Policarpo, no 4.º Domingo da Quaresma – *Apoio racional da fé: os sinais de credibilidade*, 2007. Itálico nosso.

global, embora mesmo sumário, da mensagem cristã, fornecendo-lhe meios para apreender o fundamento religioso da ética cristã – sempre decorrente do encontro e da proposta de Cristo – e facultando-lhe experiências relevantes para a aquisição de uma visão cristã da vida, à qual poderá, ou não aderir, mas sempre com motivo e fundamento. Sob este ponto de vista, é evidente que a Educação Religiosa Escolar acabará por ser, e significar, para muitos alunos, um primeiro anúncio do evangelho e, para estes e os demais, deve dar um contributo sério para evitar a indiferença religiosa, ajudando-os a assumir uma capacidade de leitura e uma posição face ao religioso, progressivamente mais informada e mais madura. Entretanto, como é tradição entre nós, não só pelos seus conteúdos mas pela metodologia usada, contribui já para a humanização da escola ou, como referem os alunos, para a construção e oferta de um espaço onde «se pode conversar» sobre aquilo que é relevante e significativo na vida da pessoa, recordando-nos, através da participação dos alunos, como as crianças e os adolescentes não só têm capacidade de Deus mas mostram um verdadeiro interesse no religioso.

4. «E vós, quem dizeis que Eu sou?»¹³

Certamente a dificuldade de compreender, de aceitar, de viver e de falar como Cristo e com Ele, não é um problema de hoje. O diálogo entre Jesus e os apóstolos que o evangelista Mateus conta, com grande economia de meios e de emoções, no capítulo 16 do seu texto, mostra-o com grande clareza. Mas o educador cristão deve aprender a colocar-se no lugar de Simão Pedro e lutar por responder: «Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo». É isso que lhe é pedido, apesar das suas limitações, apesar das suas dúvidas, dos seus receios, das suas fraquezas, das próprias contingências da vida social e cultural, das condições que um dado sistema educativo oferece, ou não, para a prática pedagógica das Escolas Católicas e para o desenvolvimento de uma disciplina de Educação Religiosa Escolar, apesar das próprias escolhas de uma Igreja local num dado momento do seu caminho no mundo. Como rezava Santa Teresa de Ávila, afinal, «só Deus basta». Sem essa convicção, sem essa fé, toda a acção educativa de um cristão se torna banal, irrelevante e inútil. Não é isso que os nossos alunos nos pedem. Não é isso que o Senhor, que neles habita com a força da caridade e com a esperança do futuro bom, nos pede.

¹³ Mt 16, 15.